

INTERAÇÃO SOCIAL: O CASO DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Renata Coelho Marchezan*

Resumo: Com as contribuições do Círculo de Bakhtin, examinamos as interações sociais tomando como fundamento a concepção dialógica da linguagem. Analisa-se a complexa relação entre o “eu” e o “outro” no ato de enunciação e por meio da rede de enunciações projetada nos textos. Nesse contexto de reflexão, as especificidades sociais da produção e circulação da linguagem são consideradas por meio da noção de gênero do discurso. Aqui nos dedicamos à análise do artigo de opinião, como um gênero discursivo, para verificar como são nele organizadas as vozes sociais. Das contribuições bakhtinianas à da semiótica da escola de Paris, ocupamos-nos, com o mesmo propósito, também da análise da arquitetura emocional do sujeito, das disposições afetivas da voz empenhada, que são semioticamente descritas pela modalidade, temporalidade e tensividade.

Palavras-chave: Artigo de opinião; gênero; semiótica.

■ **U**ma das unidades básicas de reflexão acerca das interações sociais é a relação eu/outro, que expressa reciprocidade e heterogeneidade, condições de possibilidade da sociedade, das consciências sociais, ideológicas, que a compreendem: a consciência de si, a consciência do outro, a consciência de si por meio da consciência do outro. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, a relação eu/outro é sempre verbal (podemos admitir, languageira), presidida pelo ato de enunciação. A linguagem em ato, o diálogo¹ constitui, or-

* Doutora, professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, campus de Araraquara – SP.

1 Em Marchezan (2006), buscamos sustentar e explorar a pertinência teórica da noção de ato de linguagem, de diálogo.

ganiza, estabiliza e desestabiliza as consciências; produz, enfim, os movimentos de constituição de identidade e alteridade.

Com esses fundamentos, examinamos modos específicos da interação socio-cultural, que se caracterizam por diferentes gêneros² do discurso; entre os quais, elegemos, para este trabalho, textos que são tradicionalmente chamados de artigos de opinião. São eles a fatia da vida social que recortamos e cujo sentido nos propomos estudar. Nas análises, a recuperação da dramaticidade dos textos leva-nos às paixões aristotélicas e, com a orientação da semiótica da escola de Paris, à sua exploração discursiva.

Com o desenvolvimento do jornalismo *on-line*, mais ágil e imediato, procura-se no jornalismo impresso o “tratamento” da notícia; crescem o espaço e a importância do artigo de opinião. A consideração desses textos do jornal diário mostra características que permitem a identificação de um gênero discursivo, de uma práxis enunciativa, que se fundamenta principalmente na competência e na autoridade da voz do enunciador projetada no aqui-agora do enunciado, mobilizada por seu enunciatário e por seu objeto de reflexão, (re)constituído no texto.

Nesta oportunidade, no conjunto de textos³ analisados, que, selecionados tematicamente, versam sobre a posse do presidente brasileiro, no início de 2006, ouve-se principalmente uma voz avaliadora, sancionadora, que desperta a atenção dos leitores que acompanham a política brasileira, de intelectuais da área e, possivelmente, também de políticos, citados ou não. Muitos, provavelmente, leitores freqüentes do articulista, do jornal.

No exame desses textos, não podemos deixar, por óbvio que pareça, de situá-los no entrecruzamento do campo político e jornalístico; no entanto é este último o espaço social responsável pela construção do texto. A voz sai “de dentro do jornal” e não é a de um igual, a voz do cidadão comum; é a autoridade de um profissional que se apresenta, o jornalista, não o político, nem o cientista social, por exemplo.

Trata-se de textos que dão corpo a uma dimensão cognitiva, menos propensos à composição de uma dimensão pragmática. Essas dimensões (BARROS, 1990; 1995; BERTRAND, 2003), da maneira como são concebidas pela semiótica greimasiana, são analiticamente operacionais: nos textos que exploram a dimensão pragmática, circulam principalmente os valores descritivos, valores entesouráveis, consumíveis; nos textos que destacam a dimensão cognitiva, atuam, principalmente, os valores modais, cuja presença e articulação permitem constituir diferentes enunciados.

Os resultados de análises de discursos que efetivamente circulam permitiram à semiótica identificar os valores modais que, de modo recorrente, sustentam as organizações discursivas: querer, dever, poder e saber. Pode-se afirmar que é este último, o saber – investido também de poder, conforme já apontamos –, que constitui e anima os textos aqui selecionados.

O saber que os artigos constituem é explicitado e tornado público; compreende, pois, o produto de uma prática sociosemiótica da qual se espera, por defi-

2 Consideramos que as reflexões bakhtinianas sobre gêneros do discurso não têm um objetivo classificatório, que, da mesma maneira, não pleiteamos aqui. Mais do que distinguir um gênero de outro, listando suas características, ou, com a constituição de um *corpus* exaustivo, buscar generalizações, que sempre nos escapam, procuramos, em um universo bem particular de textos, investigar em detalhe modos sociais específicos de interação lingüística.

3 Além de Rossi (2007), Cantanhêde (2007), Cony (2007), incluímos também um editorial (FOLHA DE S.PAULO, 2007, p. 2).

nição, o novo, o não conhecido anteriormente, mesmo porque o saber manifestado se refere ao “recente”, ao “ontem”, ao “anteontem”. E, como de regra nos textos jornalísticos, não se trata de um saber sobre si especialmente, mas um saber sobre o outro, não um outro qualquer, um outro que tem relação com uma esfera pública ou que a interessa; ou, ainda, que passa a interessá-la, após a publicação do texto. A alteridade, figurativizada por uma pessoa, um grupo, um acontecimento, um fato etc. é, portanto, o objeto.

No contexto do jornalismo, a palavra do outro, explícita e insistentemente mostrada, caracteriza-se como a principal matéria de trabalho. Essa é uma questão especialmente central nos textos aqui analisados, cujo escopo anunciado já é mesmo o discurso de posse do presidente. Assim, o enunciador instala-se em seu próprio texto como um enunciatário de outro texto, ao qual responde.⁴ A principal voz projetada é desse sujeito cognitivo, cujo saber é constituído e manifestado por um fazer interpretativo da voz do presidente, ouvida, principalmente, mas não somente, na cerimônia de posse.

Da clássica distinção entre “nome” e “verbo”, tão produtiva nas gramáticas frasais, mas não somente nelas, a semiótica recupera a relação entre “estado” e “ação”, ou, em outros termos, “ser” e “fazer” (BARROS, 1990; 1995; BERTRAND, 2003), como unidades de descrição. Tal distinção também se mostra importante nesta análise, uma vez que o fazer interpretativo, que destacamos, tem como objeto o discurso de posse, o “dizer” portanto; mas, não poderia ser diferente, o que está sob avaliação é também “fazer” do presidente e até o “ser” presidente, “ser” governo. Como veremos, o próprio discurso de posse, segundo os articulistas, traz uma avaliação do governo, uma “auto-avaliação positiva” do primeiro mandato e do presidente, que cita “a si mesmo como exemplo”.

Os textos analisados manifestam uma relação intersubjetiva polêmica, não contratual. O “saber” dos jornalistas sanciona negativamente o “ser” e o “fazer” do governo; diferentes figuras compõem o percurso da sanção, como mostram os trechos grifados⁵.

Do alto de sua vaidade e de sua autoconfiança, Lula *não se deu o trabalho de tomar posse com uma nova equipe*. [...] ele *não quis* mediar disputas, agradar uns poucos, desagradar muitos, todas essas chatices (CANTANHÊDE, 2007, p. 2).

Indolência, inoperância e mesmice se podem esperar de um governo que inicia um período de quatro anos de gestão *sem definir* quem ocupará os ministérios. [...] apenas um *conjunto indefinido* de assessores poderia estar à frente de *um acervo inexistente de propostas*. Vêm de longe as demonstrações presidenciais de *inapetência* para com as tarefas administrativas. [...] O fato, lamentável, é que Lula *não tem a mínima idéia* sobre o que fará à frente do Executivo federal até 31 de dezembro de 2010. Trata-se de receita certa para a aceleração do *desgaste* político num segundo mandato (FOLHA DE S.PAULO, 2007, p. 2).

O governo inicia-se sem definição, sem equipe, sem propostas, sem planos, sem vontade. O que se espera, então, é “indolência, inoperância e mesmice”, “a aceleração do desgaste político”.

4 Refere-se, aqui, à noção de posição responsiva (BAKHTIN, 1997).

5 Os grifos nas citações dos artigos são destaques da nossa análise.

Os textos relacionam o dizer à construção de uma imagem, à vaidade, à “falácia”, ao “não-fazer”. O dizer do governo como também seu ser e fazer são, assim, modalizados pelas categorias veridictórias do “parecer” e do “não-ser”. A posse atende ao ritual; é, portanto, também da ordem do parecer. Os destaques⁶ a seguir mostram uma reiteração de figuras.

Muito bom. Mas, *em vez de pedir, não seria melhor exibir tudo isso, na fala e na prática?* (ROSSI, 2007, p. 2).

Do alto de sua vaidade e de sua autoconfiança, Lula não se deu o trabalho de tomar posse com uma nova equipe (CANTANHÊDE, 2007, p. 2).

Na segunda-feira chuvosa de Brasília, a posse de um presidente reeleito com mais de 58 milhões de votos se reduziu a mera *formalidade*. [...] [Lula] preferiu investir todas as suas energias na edificação de *seu próprio mito*, um eco de Getúlio. [...] De que *caixa mágica* Lula pretende tirar dinheiro para ampliar os investimentos em infra-estrutura, como *prometeu* anteontem? (FOLHA DE S.PAULO, 2007, p. 2).

O primeiro [discurso] foi o *blá-blá-blá* de sempre, *promessas* de reforma política e tributária não muito diferentes daquelas que Collor e FHC fizeram no passado. [...] A primeira parte do improviso foi a do Lula que conhecemos falando a linguagem do povo e procurando *atingir o imaginário do povo, promessas disso e daquilo* e, de forma recorrente, *citando-se a si mesmo como exemplo* (CONY, 2007, p. 2).

Nos artigos analisados, o governo é “inoperante”, passivo; o que, em termos semióticos, é sistematizado pelo enunciado de estado, sem o enunciado do fazer, que transformaria, modificaria o estado. Esse enunciado de estado, ou seja, a passividade do governo é construída temporalmente pela duratividade. Mesmo explicitando sua motivação, seu ponto de partida, ajustado ao passado recentíssimo – o discurso de posse do presidente de ontem, anteontem –, o fazer interpretativo mostra-se, nos próprios textos, como uma interlocução contínua que relaciona o já vivido e também o esperado. Novamente, há uma isotopia figurativa, destacada nos exemplos abaixo, que afirma a análise:

É bom deixar claro, de saída, que o pequeno público que foi à segunda posse de Luiz Inácio Lula da Silva não tem a ver com popularidade, prestígio, augúrio para o futuro etc. Tem muito mais a ver com o fato de se tratar de *repeteco* – e repetecos, em geral, causam pouco entusiasmo. [...] por ter sido [o discurso] *a repetição de temas, bordões e promessas de campanha* (ROSSI, 2007, p. 2).

Talvez tenha nisso um *prenúncio* do que *vem por aí*, apesar das apostas maniqueístas entre os que prevêem um fiasco ou, no lado oposto, um sucesso absoluto. O mais prudente é imaginar um “*novo*” governo igual *ao anterior*, com as *mesmas* qualidades, os *mesmos defeitos, chovendo no molhado* (CANTANHÊDE, 2007, p. 2).

6 As repetições de trechos dos artigos anteriormente citados são necessárias para o destaque dos diferentes percursos figurativos que os textos compõem.

Indolência, inoperância e *mesmice* se podem *esperar* de um governo [...]. *Vêm de longe* as demonstrações presidenciais de inapetência para com as tarefas administrativas. [...] A melancólica cerimônia de posse é apenas um *prelúdio* da modorra que *prevalecerá* no segundo mandato caso Lula não substitua a política do aplauso fácil por planos, metas, quadros e trabalho obstinado. Trata-se de receita certa para a aceleração do desgaste político num *segundo mandato* (FOLHA DE S.PAULO, 2007, p. 2).

O primeiro [discurso] foi o blá-blá-blá *de sempre*, promessas de reforma política e tributária não muito diferentes daquelas que Collor e FHC fizeram *no passado*. [...] O que foi dito na parte final de seu discurso *será cobrado* pela nação (CONY, 2007, p. 2).

“Vem de longe”, o “de sempre”, “repeteco”, “repetição”, “bordões”, “igual” ao anterior, a “mesmice”, “chovendo no molhado” são as principais expressões que trazem aos textos dos jornalistas um passado, sempre disfórico, para identificar seu objeto de reflexão ao “já ouvido”, já vivido, para qualificá-lo como repetição, e também para projetar um futuro igualmente disfórico.

A temporalidade estendida é organizada pelo presente da enunciação, projetado nos textos. Com as expressões “ontem”, “na segunda-feira” etc., fixa-se, nos textos, o “agora” da enunciação e, por meio desse expediente, presentifica-se, indiretamente, o enunciador, que, embora apareça em primeira pessoa em apenas um dos textos, não se ausenta, nem se distancia, com a escolha da terceira pessoa.

Os jornalistas, os artigos de opinião, aqui recuperados, não são, obviamente, os únicos a “responder” aos discursos de posse, endereçados à nação. Os próprios artigos arriscam também avaliar a recepção alheia, como mostram os trechos grifados:

É bom deixar claro, de saída, que o *pequeno público que foi à segunda posse de Luiz Inácio Lula da Silva não tem a ver com popularidade, prestígio, augúrio para o futuro etc. Tem muito mais a ver com o fato de se tratar de repeteco – e repetecos, em geral, causam pouco entusiasmo*. [...] Cheresky classifica a grande maioria dos eleitos como “lideranças de popularidade, sustentados em uma relação direta, mas virtual, com a opinião pública”. Ou, posto de outra forma, o *apoio aos governantes eleitos é passivo, distante* (ROSSI, 2007, p. 2).

Talvez tenha nisso um *prelúdio* do que vem por aí, apesar das *apostas maniqueístas entre os que prevêm um fiasco ou, no lado oposto, um sucesso absoluto*. O mais prudente é imaginar um “novo” governo igual ao anterior, com as mesmas qualidades, os mesmos defeitos, chovendo no molhado. [...] Sem pressa, *Lula contenta-se com a popularidade, a boa vontade, uma espécie de carta branca sem prazo*. [...] No primeiro mandato, Lula agüentou firme as pressões *para sacudir a economia*. No final, *os elogios superaram as críticas* em artigos, colunas, comentários, *arquivando a falácia de que os jornalistas são anti-Lula e contra o governo*. *Os aliados e os amigos foram os grandes algozes. A imprensa reproduziu o dano que eles fizeram* (CANTANHÊDE, 2007, p. 2).

Ocorre que a *opção pela ligação direta com as massas perde eficácia quando desaparece do horizonte a perspectiva da reeleição*. A melancólica cerimônia de posse é apenas um *prelúdio* da modorra que *prevalecerá* no segun-

do mandato caso Lula não substitua a política do *aplausos fácil* por planos, metas, quadros e trabalho obstinado (FOLHA DE S.PAULO, 2007, p. 2).

A primeira parte do improviso foi a do Lula que conhecemos falando a linguagem do povo e procurando atingir o imaginário do povo, promessas disso e daquilo e, de forma recorrente, citando-se a si mesmo como exemplo. [...] O que foi dito na parte final de seu discurso será cobrado pela nação e sobretudo pelos cariocas que se sentem desamparados e desesperados diante da onda de terrorismo (CONY, 2007, p. 2).

No trecho citado logo acima, o articulista – que iniciara o texto em primeira pessoa do singular e de modo irreverente⁷ – fala por um nós que reconhece no discurso do presidente duas partes. Identifica, na primeira parte, a voz já conhecida do político que promete e faz auto-elogios; e, na segunda, a voz franca e forte do presidente. É apelando ao presidente, não ao político, como uma espécie de porta-voz da nação, mais especialmente dos cariocas, que o artigo termina.

Nos termos da semiótica, de acordo com a qual a palavra dirigida a alguém é constitutivamente uma palavra que busca a manipulação, ou seja, o convencimento, tem-se, aí, uma manipulação por intimidação⁸: “o que foi dito na parte final de seu discurso será cobrado pela nação e sobretudo pelos cariocas”. Não sem antes ter o hábil articulista tentado convencer também pela sedução, ao avaliar a segunda parte do discurso de posse como a de um verdadeiro presidente, “agindo a céu aberto”.

Em todos os textos analisados, a voz que expõe e interpreta o outro, ao fazê-lo também se expõe. Expõe seu estado passional, revela a relação emocional que mantém com o outro que a provoca: “[as paixões] são a própria alteridade que ameaça nossa identidade; embora também lhe dê consistência” (MEYER, 2000, p. xl).

Na abordagem semiótica, a paixão é entendida em oposição à ação⁹, ou seja, considera-se o estado passional do sujeito em relação ao outro, ao objeto, que pode ser modalizado eufórica ou disforicamente, pelo querer ou pelo crer: o objeto é, assim, desejável, não desejável; confiável, não confiável. Além da modalidade e da foria, o estado passional é também semioticamente caracterizado pelas categorias temporais, aspectuais e tensivas.

Nos textos analisados, o saber sobre o outro manifesta um não-crer, a paixão da desconfiança. Revela, ainda, um querer (um querer que o outro seja, um querer que o outro faça), de há muito, não realizado, e sem perspectiva de realização. A insatisfação, a outra paixão, não se manifesta de uma maneira intensa, mas se salienta por meio de uma projeção temporal durativa, contínua, que, como já apontamos, remonta ao passado e prolonga o presente por meio da desesperança.

Insatisfação, desconfiança, desesperança são paixões disfóricas que comovem o jornalista, incitam o fazer interpretativo. Relacionada a elas, a paixão da

7 “Sem ter nada o que fazer no primeiro dia do ano, procurei ouvir com atenção e respeito os dois discursos de Lula, um no Congresso, outro no parlatório do Palácio da Alvorada” (CONY, 2007, p. 2).

8 São quatro os tipos de manipulação: além da intimidação, há a provocação, a sedução e a tentação (BARROS, 1990, p. 32).

9 Coquet (1997) e Bertrand (2003) exploram também a oposição paixão/razão.

indignação, tal como identificada pela reflexão aristotélica, permite particularizar a análise do “estado de alma” do jornalista projetado no texto, porque compreende, como é o caso aqui, uma relação assimétrica entre o eu e o outro e também o julgamento de mérito: de um lado, o digno, o não igual, o juiz, o justo, o honesto, o corajoso, aquele que tem dignidade moral, que tem a medida dos valores sociais; de outro, o que provoca a indignação, indigno, aquele que tem o que não lhe convém.

Segundo Aristóteles (2000, p. 59), compaixão e indignação “decorrem de um caráter honesto”; no entanto, de certa maneira opostas, a compaixão é “sentimento de pesar pelos infortúnios imerecidos” e a indignação, “sentimento de pesar pelos sucessos imerecidos”.

O não-mercimento, que compõe a paixão da indignação, é o que a opõe à inveja, com a qual poderia ser identificada. O desgosto do invejoso é pelo bem ou pela felicidade de um igual; já o pesar do indignado é pelo bem ou pela felicidade de um outro não merecedor, de um indigno. No entanto, tanto a inveja quanto a indignação são paixões que visam ao outro; o desgosto sofrido não é a antecipação de um dano pessoal, o que, esclarece Aristóteles, instalaria a paixão do medo.

Aristóteles apura sua reflexão ao considerar que nem todo bem que o outro possui excita a indignação, como também nem todo infortúnio estimula a compaixão. A justiça, a coragem e a virtude, por exemplo, não são avaliadas como bem imerecidos e, portanto, não causam indignação; também na situação oposta, a falta de justiça, de coragem e de virtude não causa compaixão. Não são esses bens que estão em jogo na indignação e na compaixão, mas, sim, a riqueza, o poder.

Já acentuamos, ao longo desta reflexão, a situação hierárquica, assimétrica estabelecida entre o jornalista e o governo, que ele avalia negativamente, a partir do discurso de posse do presidente, tomado como motivo jornalístico. Nesse contexto, o jornalista apresenta-se, pois, como indignado, que julga imerecidos os sucessos, o poder do presidente: de um lado, o digno, o não igual, o juiz, o justo, o honesto, o corajoso; de outro, o indigno, o não merecedor.

Para a voz que julga, o governo é um não-governo: parece, mas não é. Diz, mas não faz. O sucesso da reeleição e a posse do poder resultam não do trabalho, do mérito, mas do parecer, da “formalidade”, da “popularidade [...] virtual”, do apoio “passivo” e “distante”, do “tão grande descrédito na política”, da “auto-avaliação positiva”, da “política do aplauso fácil”, da imagem construída pelo dizer. Da sorte!?

A análise mostra que nos artigos de opinião, a partir mesmo daqueles aqui analisados, são reiterados determinados modos de ser e de referir ao outro, o que nos leva a propor que, assim como na perspectiva bakhtiniana o gênero define-se por seus temas mais peculiares, também se particulariza pelas paixões mais cabíveis¹⁰.

Resposta ao modo de ser do outro, “as paixões são ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *ethos* e determinam um caráter) [...]” (MEYER, 2000, p. xlvii). Nos textos aqui analisados, indignação, insatisfação, desconfiança, desesperança

10 O estabelecimento de relações entre gênero e paixão está presente na teoria clássica do gênero.

são as paixões, todas disfóricas, que compõem o “estado de alma” do jornalista, e mobilizam seu dizer, imprimindo-lhe um tom pessimista, lamentoso¹¹.

Esse é o fardo afetivo que os jornalistas projetados nos textos carregam, e transmitem, presos ao dizer já conhecido, à mesmice, à lamúria. Carga tão mais pesada, porque no exercício de uma atividade que, como lembramos anteriormente, busca o novo, almeja o furo jornalístico.

Um dos artigos, como vimos, inclui o tema¹² do descrédito na política para explicar a apatia da posse, e o faz infligindo ao presidente suas próprias palavras, que, no entanto, não se referiam em específico ao contexto brasileiro, mas, sim, a uma crise mundial na política.

Esvaziamento da política e também do texto que a noticia e avalia. Passividade do governo e da opinião pública, mesmice dos dizeres do governo e da própria mídia, repetição do já dito, já ouvido, “descrédito na política”. Descrédito da política. Esse é um dos grandes temas dos gêneros do jornalismo, da ciência política, de diversas áreas. Nesta nossa época, é uma das armadilhas, na qual nos debatemos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Trad. do grego Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Hermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia. LANDOWSKI, Eric (Ed.). *Do inteligível ao sensível*. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru: Edusc, 2003.
- CANTANH DE, Eliane. Chovendo no molhado. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 jan. 2007. Caderno 1, p. 2.
- CONY, Carlos Heitor. Enfim, um discurso. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jan. 2007. Caderno 1, p. 2.
- COQUET, Jean-Claude. *La quête du sens: le langage en question*. Paris: PUF, 1997.
- FOLHA DE S.PAULO, São Paulo, 3 jan. 2007. Editorial. Caderno 1, p. 2.
- _____. *Projetos Editoriais*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/linha_editorial.shtml>. Acesso em: 30 out. 2007.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José R. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

11 O próprio “Projeto Editorial” do jornal conhece essa avaliação e reflete sobre ela: “Tangida pela competição à busca do “furo pelo furo”, permeada por uma atmosfera de descrença reinante nas redações, a imprensa adota uma linha destrutiva – daí o seu alegado pessimismo” (FOLHA DE S.PAULO, 2007).

12 Refere-se, aqui, à noção de tema na acepção bakhtiniana, que integra o conceito de gênero do discurso.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

MEYER, Michel. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Trad. do grego Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. xvii-li.

ROSSI, Clóvis. Popularidade virtual. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 2007. Caderno 1, p. 2.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Social interaction: the case of the opinion articles. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 9, n. 1, p. 69-77, 2007.

Abstract: With the contribution of the Bakhtin Circle, we examine social interaction basing ourselves upon the dialogical concept of language. The complex relationship between self and other is analyzed as speech acts, as voices projected on the texts. In this context, the Bakhtinian concept of genre is important to focus on specific social languages. Considering, here, the opinion articles as a kind of speech genre, we aim to show how they organize self/other language and make sense in a particular zone of performing. From Bakhtin's works to Paris School Semiotics, our purpose is also to rebuild the emotional architecture of the main voice that acts in the articles. In the consideration about these dimensions of language, the notions of modality, temporality, tensivity stand out in this work.

Keywords: Opinion article; genre; semiotics.